

**EL ENCANTO DEL DIAMANTE:
SUBLIMINDAD, PERVERSIÓN Y, A VECES, PERVERSIDAD.**

Itamar Pereira de Aguiar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
itamarpaguiar@hotmail.com
Vitória da Conquista, Bahia; Brasil

Recibido: 18/08/2014 **Aceptado:** 27/05/2015

Resumen

Este artículo se deriva de una presentación que con el mismo título el autor presentó en una Mesa Redonda llevada a cabo en la Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a comienzos de diciembre de 2013, mediante el cual se proponer tejer consideraciones sobre el tema, a la luz de contenidos de Filosofía, Psiquiatría y Antropología, usando como recurso la indagación bibliográfica acerca del conocimiento científico, su utilización en el mundo capitalista, como también la investigación de campo sobre el modo de ser y de vivir de garimpeiros de diamantes en Lençóis en la Chapada Diamantina en el estado de Bahia. Una provocación instigante.

Palabras Clave: Amor, ciencia, sublimidad, perversion.

**O ENCANTO DO DIAMANTE:
SUBLIMIDADE, PERVERSÃO E, ÀS VEZES, PERVERSIDADE**

Resumo

O artigo O encanto do diamante: sublimidade, perversão e, às vezes, perversidade, apresentado durante uma Mesa Redonda, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no início de dezembro de 2013, objetiva tecer considerações sobre o tema, à luz de conteúdos da Filosofia, Psiquiatria e da Antropologia, usando como recursos a pesquisa bibliográfica acerca do conhecimento científico, sua utilização no mundo capitalista, como também a pesquisa de campo sobre o modo de ser e de viver de garimpeiros de diamantes em Lençóis na Chapada Diamantina no estado da Bahia. Uma provocação instigante.

Palavras-Chave: Amor, ciência, sublimidade, perversão.

Abstract

The article Love and Science: sublimity, perversion and sometimes perversity, presented during a Round Table, in the UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, (Bahia Southwest State University) in early December 2013, aims to be thought provoking, considering the subject under the light of Philosophy, Psychiatry and Anthropology, using bibliographic research on scientific knowledge and its application in the capitalist world as well as field research on the way of living of the diamonds' miners of Lençóis in the Diamantina plateau in Bahia State.

Keywords: Love, science, sublimity, perversion.

O tema em apreço conduz-nos a abordá-lo, largo espectro, sob a ótica da Filosofia, no sentido a ela atribuído por Pitágoras de Samos, “que certa vez, ouvindo alguém chamá-lo sábio e considerando este nome muito elevado para si mesmo, pediu que o chamassem

simplesmente *filósofo*, isto é, amigo da sabedoria” (Mondin, 1981: 7), o que equivale à busca amorosa do conhecimento. Da Psiquiatria, no que se refere à religião e ao capitalismo, à ciência e à perversão, e da Antropologia, através da pesquisa sobre o modo de ser, de fazer e de viver dos garimpeiros de Lençóis, os quais sublimaram as suas relações com o diamante.

A palavra sublimidade está sendo tomada nos significados a ela atribuído pelo Novo Dicionário da Língua Portuguesa: (“**Sublimidade**. [Do lat. Sublimitate.] S. f. **1.** Qualidade de sublime. **2.** Grande altura ou elevação. **3.** Perfeição, primor, excelência. **4.** A maior grandeza” (Ferreira, 1975: 1330).

No que se refere ao “amor”, dada a sua amplitude e aos diversos significados a ele atribuídos ao longo da história, optamos por apresentar, em que pesem algumas limitações, a seguinte síntese:

AMOR [...]. Nesses limites em que o A. é um fenômeno humano, para cuja descrição temos como “unidade”, “todo”, “Infinito”, “absoluto”, estão fora de cabimento, o A. perde em substância cósmica quanto ganha em importância humana; e o seu significado, objetivamente constatável, para a formação, a conservação e o equilíbrio da personalidade humana, torna-se fundamental. A noção de A. nesse sentido é a que ilustram Platão, Aristóteles, São Tomás, Descartes, Leibniz, Scheler, Russell. A segunda teoria recorrente do A. é a que nele vê uma unidade absoluta ou infinita, isto é, a consciência, o desejo ou o projeto de tal unidade. Desse ponto de vista, o A. cessa de ser um fenômeno humano para tornar-se um fenômeno cósmico, ou melhor ainda, a natureza do Princípio ou da Realidade suprema. O êxito ou o malogro do amor humano passa a ser indiferente, aliás, o A. humano, como aspiração à identidade absoluta, e como tentativa da parte do finito de identificar-se com o Infinito, está preventivamente condenado ao insucesso e reduzido a uma aspiração unilateral, pela qual a reciprocidade é decepcionante e que se contenta de imaginar a vaga forma de um ideal fugido. Duas são as conseqüências de tal conceito de amor. A primeira é a infinitização das vicissitudes amorosas que, consideradas como formas ou manifestação do Infinito, adquire um significado e um alcance desproporcionado e grotesco, sem relação com a importância real que têm para a personalidade humana e para as suas relações com os outros. A segunda é que todo tipo ou forma de A. humano destina-se ao fracasso; e o próprio êxito de tal A., verificável na reciprocidade, na possibilidade da coparticipação, é assumido como o sinal desse fracasso. Estas duas atitudes podem-se facilmente encontrar na literatura romântica sobre o amor. É a noção que se acha defendida por Espinosa, Hegel, Feuerbach, Bergson, Sartre (Abbagnano, 1982: 36-47).

Assim, no concernente às abordagens Cosmológica, Ontológica e Teleológica, diz respeito a um ser no mundo que estabelece coerência intuída como princípio universal absoluto, nas dimensões “Totalidade e Infinito”, ou seja, com finalidade lógica e formalmente determinada, verdade inquestionável.

No que diz respeito à Epistemologia, no entanto, a questão se coloca na perspectiva do paradigma da relatividade, da lógica dialética, na qual, nas considerações dos grupos humanos, “Totalidade e Infinito” se posicionam no âmbito das Ideologias, na esfera da Cultura, nos modos de ser, de fazer e de viver dos humanos, nos quais o exercício e a prática

do amor e da ciência alcançam a dimensão da perversão e, no Sistema Capitalista, muitas vezes, se impõem como necessárias e indispensáveis, e vão da perversão à perversidade.

Em recente e sucinto artigo, com o título “Vício virtual”, publicado eletronicamente Senna (2013: 1), escreveu:

Nos dicionários e no entendimento geral, vício está relacionado com desregramento, deformação, imperfeição, defeito, inclinação para o mal, como contraponto de virtude. *Vitio et virtut*, diziam os antigos romanos. Na atual civilização, os vícios mais importantes estão situados no âmbito do sexo, do dinheiro, do trabalho, do jogo e das drogas legais ou ilegais. Segundo os especialistas (ainda tateantes porque é um assunto novo, surgiu há menos de dez anos), a ciberdependência também altera o comportamento individual e social da pessoa e reduz sua liberdade de ação e só difere dos outros vícios por não ser tóxica. Quanto à toxidade há dúvidas, bastando lembrar os boatos de danos ao DNA causados pela emissão de radiofrequência dos celulares, uma forma de radiação, e os constantes desmentidos dos fabricantes.

O celular, como produto resultante de atividades científica e tecnológica, por sua utilidade e praticidade, se tornou instrumento dos mais importantes no mundo atual, ao ponto de seu uso exacerbado resultar em vício. Dúvidas e vícios à parte, o que realmente importa e desperta atenção é o fato de a “verdade científica” e “eficácia tecnológica” serem manipuladas e os produtos resultantes serem colocados como mercadorias à disposição da população que, induzida através do marketing e outras estratégias, os consomem independentemente dos danos que causam.

Assim, sob a chancela dos governos capitalistas, as verdades universais relativas são transformadas em verdades universais absolutas, apelando para todos os meios que magicamente possibilitem o encantamento, a sublimação, a fidelidade e, por que não dizer, a relação amorosa dos indivíduos com os venenos que consomem.

Os conhecimentos ditos científicos e tecnológicos são produzidos sobre fenômenos ou objetos circunstanciados; abordados rigorosa e metodologicamente; elaborados sobre conhecimentos ditos racionais e verdadeiros. Mas, ao serem transformados em artefatos, em mercadorias, compõem um conjunto cuja finalidade explícita é a de solucionar necessidades cotidianas da população, instrumentalizar o exercício do poder. Então, a perversão se faz sentir com mais clareza, a exemplo do que se pode observar nas megalópoles contemporâneas, nas quais o automóvel, inventado para deslocar pessoas e mercadorias com maior agilidade, hoje se tornou tão lento como as *carroças puxadas por burro nos grandes centros urbanos até o século XIX*.

Ao refletir sobre a condição dos humanos no mundo atual, Maldonato (2001) discorre sobre identidade, mundo, tempo e espaço; aponta para a *fenomenologia de uma mutação* do

natural ao artificial, a arquitetura da solução das questões existenciais do ser humano no mundo, racionalmente elaborada como *subversão do ser*. Nas últimas palavras sobre o assunto, afirma:

A viagem chegou ao fim, [...]. Entretanto, temos de dizer que o vaguear e o desnortamento decerto são lados sombrios do sentir-se em casa, do arraigamento: no habitar, de fato, o vínculo entre o familiar e o estranho se realiza. Todavia, o percurso, o desarraigamento, o desnortamento não podem ser reduzidos à mera consequência de uma *hybris* moderna, como o simples contrapasso por uma audácia e uma arrogância prometéicas. Não são experiências extremadas: são o horizonte no qual desde sempre o espetáculo da origem do homem está inscrito. Agora que da modernidade e de suas fúlgidas construções – de sujeito e de estado – restam fragmentos flutuantes; agora que as bússolas e as velhas rotas depuseram suas pretensões; agora que não há mais mensurações utilizáveis, nem metas preestabelecidas onde ancorar, o sentido da presença humana no mundo reaparece em sua natureza originária. Inscrita na própria viagem (p. 191).

Em recente abordagem no âmbito da Psicanálise, Jorge (2013: 10), tratando de tema correlato a este, dentre outras, teceu as seguintes considerações:

[...]. O pólo do amor se traduz também pela religião no qual há uma fixação nele por meio dela. E o pólo do gozo se traduz pela pujança do capitalismo. É possível perceber certa rivalidade entre religião e capitalismo, que se expressa até pela arquitetura das cidades. Em Salvador, Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, é possível ver templos religiosos de novas seitas evangélicas construídos em frente aos [...] shopping centers. Um espelha o outro, brigando por primazia. Passamos, ali, no meio desses desfiladeiros de fixações de amor, na religião – porque a religião é uma fixação no amor: “Amai-vos uns aos outros” –, e de gozo, no capitalismo, como aqueles objetos todos que nos são oferecidos e vendidos de uma maneira tão excessiva.

O observado na citação supra, no Brasil não é privilégio apenas das grandes cidades, mas também nas cidades de porte médio que, em função do modelo político aqui adotado cada vez mais, abrigam pessoas saídas das pequenas cidades e do meio rural tradicional em busca das *maravilhas* mostradas nas telas da TV e dos computadores.

Esse é, por um lado, um processo de profunda desinstalação cultural e, por outro, de criminalização da cultura original dos migrantes, pela legislação de um país que usa e abusa dos meios para desqualificar a nação. Assim, desinstalados buscam a ressocialização pelos meios mais viáveis, práticos, imediatos e disponíveis. Então, nos bairros, eclodem de modo rápido e em grande quantidade as chamadas igrejas evangélicas, renovadas ou pentecostais, fenômeno que observamos, principalmente nos bairros ditos periféricos em Vitória da Conquista no estado da Bahia. Em suas reflexões sobre protestantismo e pentecostalismo no Brasil contemporâneo, Souza (2013: 133), apresenta o que chamou igreja de bairro.

Finalmente pode-se concluir dizendo continua produzindo novas gerações no Brasil contemporâneo, visto que o movimento pentecostal tem se apresentado também, não só na forma de novas gerações (ondas), mas na proliferação das chamadas “igrejas de bairros”. As igrejas de bairros são, em geral, autônomas, com reduzida base de relações hierárquicas. Seus templos tendem a serem menores, mas contam com todo tipo de serviços, agenciamento e adesões de novos fiéis.

Na sequência de sua abordagem, o psicanalista Jorge (2013: 11) continua falando, desta feita, sobre a ciência como produtora de neurose, perversão e psicose.

Mas não é só a neurose e a perversão que se traduzem na nossa cultura, a psicose também o faz. E parece que ela o faz pela ciência. É preciso que nós, analistas, possamos dizer, com todas as letras, que a ciência está louca. A ciência enlouqueceu, perdeu os limites. Hoje, ela mistura espécies, clona os animais a bel-prazer e quer fazer isso como ser humano. O ápice dessa loucura, desconfio, é seu intento de transformar a reprodução sexuada em reprodução assexuada. Isso é loucura. Não é à toa que, na cultura, existe a figura do cientista maluco. O cientista maluco é um traço da linguagem no inconsciente que denuncia que a ciência tem uma forte tendência à loucura, patente hoje em dia. Evidentemente que fomos advertidos quanto a isso desde a época em que o homem foi à Lua. Ali começava uma grande loucura, porque ir à Lua, é claro, é coisa de lunático. A psicanálise propõe um quarto lugar da fantasia, diferente da ciência. Nem a fixação no amor, nem a fixação no gozo fálico, nem a fixação no gozo absoluto. Ela propõe um lugar do desejo, que é aquele lugar, no matema da fantasia, [...]. Porque aquilo ali é um lugar, é um lugar da fantasia. E acredito que, na cultura, há, hoje, dois discursos que sustentam esse lugar: a psicanálise e a arte. A arte é também um discurso poderoso que tenta sustentar esse lugar do vazio e da falta.

O autor deste artigo e o antropólogo Ronaldo de Salles Senna, ao tratar de questões similares ao tema desta Mesa Redonda, mas focados em considerações antropológicas sobre diamantes, garimpo, garimpeiros e Jarê em Lençóis, se expressaram do seguinte modo:

Destacando-se através de um singular perfil entre as pedras preciosas (ou semipreciosas), o diamante sempre chamou a atenção, inspirou respeito e provocou reflexões nos agrupamentos que com ele se relacionaram, desde quando “suas excepcionais qualidades físicas, de dureza, limpidez, luminosidade, fazem do diamante um símbolo maior da perfeição, mesmo que o seu brilho não seja considerado unanimemente como benefício” (Chevalier & Gheerbrant, 1982: 338).

A dualidade benefício/malefício sempre acompanhou, durante a maior parte do processo histórico das culturas, como movimento acionador das forças mágicas, algo que chamasse a atenção por alguma especificidade como, por exemplo, essas imanências, supostamente vistas nos minerais, especialmente, no presente caso, o diamante.

As mais diversas crenças sobre o seu poder se constituem em referenciais simbólicos que vêm de longe, prendendo-se mais a momentos perceptíveis da história das mentalidades que de uma sequência de eventos documentados. Afinal, “os contos populares acrescentam que os diamantes engendram outros: origem ancestral da sabedoria, que engendra a si mesma. A forma do diamante bruto faz lembrar a crença que considera o cubo como um outro símbolo da verdade, da sabedoria e da perfeição moral” (Chevalier & Gheerbrant, 1982: 339).

O diamante, em seu estado bruto, natural, puro, tende, normalmente, a ser visto como portador maior de encantamento – nas suas mais diversas manifestações – que aquele que já se encontra lapidado, com mais equilíbrio e brilho. O mineral não deixa de estar no ambiente transformado pelo homem como um ser encantado, mas a essa instalação se dará outro ângulo, outro prisma, outra direção: sai da natureza intocada para se fixar na cultura e suas circunstâncias.

Vários pensadores circunscreveram o ser humano (ente codificador e decodificador), afunilando seu olhar para o heróico endeusado, para os senhores das guerras, para os desbravadores, para o homem comum. Refletindo sobre o *bicho da terra, tão pequeno*, de Luiz Vaz de Camões, ou sobre o *José*, de Carlos Drummond de Andrade; José Ortega y Gasset, axiomáticamente, atesta: *Eu sou eu e minhas circunstâncias*.

Sabemos, portanto que, “o homem é homem, graças à linguagem, graças à metáfora que o fez ser outro e o separou do mundo natural. O homem é um ser que se criou a si mesmo ao criar a linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si mesmo” (Paz, 1990: 34).

Adelgaçando as nossas ponderações e recorrendo à memória cravada na história, sabemos, para fazer uma analogia com os mitos chapadinos que “o diamante simbolizou, na arte do Renascimento, a igualdade da alma, a coragem em face da adversidade, o poder de libertar o espírito de todo temor, a integridade de caráter, a boa fé” (Chevalier Gheerbrant, 1982: 339).

Todas essas identidades mágicas, míticas, imanentes, oníricas, simbólicas, subjetivas, éticas e transcendentais remetem, via de regra, a vínculos totalmente humanizados ou, como tudo indica ser mais comum, a mecanismos semi-antropocêntricos. Nas suas características totalizantes, podemos de certa forma, ou até determinado ponto, ver a pessoa que lida com a pedra como um homem diamante ou um diamante humanizado e, nas suas nuances parciais, como um elo de sacralidade incrustado na gema, já que vivenciar “o cosmos completamente

dessacralizado é um descobrimento recente do espírito humano” (Eliade, 1990: 20) e, assim mesmo, adotado apenas por alguns segmentos das sociedades globais.

Aos diamantes e congêneres sempre foram atribuídos poderes que traduzem características humanas detentoras de poder. Assim, certo antropofornismo se revela em expressões míticas e mágicas como estas: “as pedras preciosas são o símbolo de uma imperfeição à perfeição” (Chevalier & Gheerbrant, 1982: 701).

Essas dualidades nunca indicam ou remetem a uma excludência, posto que seria a sua própria negação mágica. Sempre foram e serão, enquanto existir a sensação da imanência, uma complementaridade que se desloca do negativo ao positivo, do incerto ao certo, da dúvida à certeza, do perigoso ao protegido.

Assim, o opaco pode ser traduzido como o encoberto ou escondido, o translúcido como o que se mostra o que pede para ser visto; as trevas como que não se vê, vê-se que não se vê e convida às transgressões; as luzes como as ordenações, as descobertas e as constatações. Dos conhecimentos supostos nascem os mitos, as crenças e a fé. A religiosidade manifesta nos rituais, nas tradições religiosas inventadas pelos diversos povos em suas relações com o cosmos, com o ecossistema, com o outro, do indivíduo consigo mesmo, com o grupo e com as instituições.

Entre as várias sabedorias que se espalharam pela trajetória da mente humana no mundo, o encantamento da pedra, sobre o qual estamos magicamente refletindo, emite, além da beleza, o poder.

A dureza do diamante, seu poder de riscar, de cortar, são especialmente postos em relevo no budismo tântrico, onde o **vajra** (raio e diamante) é o símbolo da inalterabilidade, do invencível poder espiritual. É, segundo etimologia do seu equivalente tibetano **dordje**, a rainha das pedras preciosas. Simboliza a clareza, a irradiação, a glória, o fio ou gume da iluminação, o vazio e o indeterminado. É ainda a natureza verdadeira, idêntica à natureza do Buda. Aquilo que não cresce nem diminui é o diamante, ensina o patriarca **zen** Hueineng. Um texto tântrico propõe, expressamente, a equação: **Shun yata** (vacuidade) = **vajra**.

A imutabilidade é, por excelência um caráter axial: é por isso que o trono do Buda, situado no sopé da Árvore da **Bodhi**, é um trono de diamante. É por isso, também, que o eixo do mundo é descrito por Platão como sendo de diamante. Mostramos na palavra **pedra** analogia já apontada entre a pedra angular e o diamante, ambos designados em alemão pelo termo **Eckstein**.

Na iconografia tibetana, o **dordje** (cetro de diamante) opõe-se ao sino (**tilpu**) como o mundo adamantino (potencial, não manifestado) [e] se opõe ao mundo fenomenal (ou do seio materno) ou princípio ativo ao princípio passivo, como a Sabedoria ao método (Chevalier & Gheerbrant, 1982: 338).

Sim, aquilo ou aquele que risca e corta possui, em sua *natureza*, o poder de escolha do objeto ou do outro (daquele) a ser atingido. Adquire, também, com a prática, o saber trabalhar

e retrabalhar tudo o que puder, de alguma forma, ser lapidado e, em alguns casos, prismar o brilho e refletir a luz de acordo com esses prismas.

Assim, muros e paredes construídos na cidade de Lençóis no estado da Bahia, os cortes e muros feitos a seco, onde pedras bem cortadas se encaixam como uma luva (sem necessidade de argamassa colante), umas nas outras, milimetricamente denotam a prática do garimpo, da garimpagem e da lapidação. Podemos, até certo ponto, afirmar que aquela cidade foi construída sem a presença ou utilização do cimento como argamassa indispensável. Hoje em dia, isso é imprescindível a construções *sólidas*.

Os autores, tentando traduzir a visão que os garimpeiros das Lavras Diamantinas na Bahia têm do diamante, afirmam: é como se nele a natureza se circunscrevesse, o outro lado da vida concretamente se mostrasse, a sorte se manifestasse como deidade e a ligação entre os dois planos da existência, a vida e a vida após a morte, magicamente, acontecesse.

Uma vez que não mudar e não poder ser mudado é a forma e o nível mais alto da consolidação, o diamante se torna nas culturas que com ele convivem e conviveram, o âmago do concreto e o ânima da sua essência. Repousar, pois, nas suas inúmeras faces, é como se instalar, por inteiro, no centro do mundo. É como sentir a natureza se manifestar em forma de linguagem poética:

Por trás das verdes matas e longas serras
Esconde cravado na terra,
O diamante gerado de grande erupção.
O Garimpeiro homem forte
Que sobe e desce a serra sem temer a morte,
Vive em busca do pão.
O pão que alimenta uma família,
O pão que alegra uma mansão,
Aquele pão suado do seio da terra tirado
Com os punhos e as próprias mãos.
Homem que trabalha sem cessar,
Ver as mãos em chagas, mas não pode chorar.
Não chora, pois crer em Deus
Na esperança de um dia encontrar,

Uma solução de saciar a fome,
Pensando uma boa pedra pegar,
Passa anos e anos e ele a esperar,
Cansado de subir serras passa as noites a sonhar,
A sonhar com o diamante, pedra linda,
Pedra gigante a fome chega a passar.
No outro dia sobe a serra querendo seu sonho realizar,
Entra em grutas não vê o dia, com a candeia na mão,
A cobra vem lhe encontrar,
E ele pega a serpente de mão sem temer dela o picar.
O garimpeiro muito supersticioso,
Quando em dia vertiginoso,
Pensa, medita, vê o cascalho
E diz a si mesmo: preciso trabalhar!

AUTOR DO POEMA: Itamar Pereira de Aguiar

Parece-nos que esta pedra encantada, mágica, que tanto inspirou os povos das sociedades tribais, também provoca ainda hoje espanto, curiosidade e interesse, chegando mesmo ao ponto de despertar e impulsionar os desejos capitalistas projetados para o futuro, no sentido de aprimorar e inovar as tecnologias utilizadas na produção de equipamentos. Estamos falando de como o computador quântico, sem o qual se torna impossível projetar e, muito menos, efetivar o aperfeiçoamento da sociedade dita digital que, dentre as suas muitas outras utilidades, devassa o cotidiano de cada um dos indivíduos, pessoas, sociedades e governos mundo afora, nos leva a ver-sejar:

Computa a dor computa
De um viver mágico encantado,
Computador computa
A dor de ser programado.
Os mágicos encantos da vida
São sonhos de amor desvairado
Que navega em olhos profundos
Mares do Ser encantado

Aludimos, ainda, aos projetos ambiciosos desenvolvidos, tanto nos Estados Unidos da América do Norte, como na África do Sul, de criar ou desenvolver o *superdiamante* em sequências ininterruptas de *erro e acerto* que, homens ocupados com a produção do conhecimento dito *científico e tecnológico*, por caminhos semelhantes aos percorridos, intuídos e sonhados por magos, sábios e feiticeiros: todos eles despertados pelas propriedades naturais e naturalmente extraordinárias da dureza, limpeza, luminosidade, brilho e condutividade dos diamantes, utilizados tanto para riscar, cortar e produzir artefatos, como para esteticamente encantar, embelezar, adornar e enfeitar ambientes, corpos e mentes.

Quando falamos de *erro e acerto*, estamos dizendo que toda tentativa de usar a metodologia científica, aplicada à produção de conhecimento sobre a natureza, não foi suficiente, ainda, para criar artificialmente o *superdiamante*. No máximo, até agora, o que conseguiram, a partir de um pequeno diamante, introduzido em um laboratório que simula as

condições cósmicas nas quais ele foi criado, foi fazer crescer o *xibiu*² ou o *musquito*³ um pouco mais. Nesse processo, as tentativas para fazer o diamante crescer até o *superdiamante*, esperançosamente, continuam e, quem sabe, poderá um dia produzir resultado satisfatório. Desse modo, parece que chegou o momento de quando o novo muito novo se aproxima do velho, isto é, muito velho, aquele no qual as duas pontas se tocam, onde o passado e o futuro se encontram fechando o círculo.

Alcançar o *símbolo da perfeição*, perseguido pela *Escola Pitagórica* nas suas pesquisas com a *Matemática* e a *Geometria*, desvendar os mistérios que escondem o cosmos, através das atividades dos humanos no sentido de compreendê-las, conhecê-las e utilizá-las de acordo com as suas vontades, necessidades, interesses, fantasias e desejos, sempre foi um grande desafio. É justamente este o momento em que surge a semelhança e, por que não dizer? A identidade entre aspectos da Magia e da Religião, da Tecnologia e da Ciência, como construções humanas.

Nesse procedimento, os fins se projetam teleologicamente, através da eficácia, da eficiência e da certeza na solução dos enigmas, dramas e tragédias que envolvem a vida e o viver dos humanos, em todos os tempos, complexidades e dimensões. “A dialética do sagrado precedeu e serviu de modelo a todos os movimentos dialéticos subsequentemente descobertos pela mente. A experiência do sagrado, ao desvendar o ser, o sentido e a verdade num mundo desconhecido, caótico e temível, preparou o caminho para o pensamento sistemático” (Eliade, 1973: 10).

As crenças apoiadas nesse mundo mágico, como não projetam, como não poderia deixar de ser, quadros mitológicos, além da construção de vinculações animistas, que desencadeiam novas hierofanias. Assim, vamos agora demonstrar, através de algumas escolhas, uma sequência de mitos, ligada às seguintes categorias, que apontam o amor, a sublimação e a perversão do modo de vida dos garimpeiros em Lençóis.

O Encanto do Diamante

É crença na união espiritual do diamante com os astros. Para cada estrela no céu existe um diamante na terra, e nenhum garimpeiro conseguirá apanhá-lo se as forças dos seus astros não permitirem o *bambúrrio*⁴, desde quando na união do astro com a pedra, o elo humano é um garimpeiro específico, formando-se, assim, uma espécie de triângulo mágico.

Pensando ser esta uma convicção nascida, provavelmente, da dificuldade de cálculos exatos da quantidade de diamante para cada medida de cascalho retirada de uma área aluviônica. Ilustra esta categoria a declaração de alguns garimpeiros de serra, como o já falecido Berruguinha: *O diamante tem três 'D', diamante, dia e dono.*

Esta fala comum dos garimpeiros de serra, dado a que, com a chegada dos garimpos mecanizados e a facilidade de amealhar minerais de modo contínuo, a atividade adquiriu mais a forma de mineração do que a da garimpagem, pelo menos como é conhecida na região. A instalação dos garimpos de draga, a partir dos anos 1980, causou mudanças no modo da cultura garimpeira local, provocando alterações no imaginário dos novos profissionais do garimpo e, para esses, o mito do encantamento do diamante não faz mais sentido. No seu lugar, instala-se o valor monetário da pedra preciosa.

O destino das Pedras

É a convicção que possuem na posse predestinada do diamante por um garimpeiro escolhido pelos astros. Isso significa que o diamante tem seu dono previamente escolhido pelo destino. É comum o garimpeiro procurar o *Curador de Jarê*, para saber se é dono de alguma pedra e se o líder religioso poderá lhe indicar alguma pista. Geralmente, nesses casos, o Curador determina obrigações rituais, para que o garimpeiro *desempene* e se torne dono de alguma pedra na serra, se assim está escrito nos astros.

Essas obrigações não têm a finalidade de conduzir ao bambúrrio, mas apenas de livrar o garimpeiro do seu *empanamento*, isto é, véu do destino e da sorte, que o separa do seu astro e da sua pedra. Desse modo, caso a pedra seja achada pelo seu possuidor, ela só trará coisas boas para ele e sua família. Nos casos de ser encontrada por quem não é o seu dono (quebra da determinação do destino), ela só trará dissabores.

É uma crença nascida das disputas violentas, muitas vezes sangrentas, por pedras de grande valor; é uma crença que, provavelmente, apresenta uma quantidade muito grande de variantes nas regiões de catas pioneiras de pedras preciosas, onde a supervalorização da ambição humana é uma categoria comum em relação às normas de comportamento da comunidade. Provavelmente, essa é uma outra instalação mágica que gradativamente se quebra, considerando-se, em primeiro plano, a herança simbólica que os garimpos tradicionais construíram e, consecutivamente, o garimpo das dragas, no processo, substancialmente, modificaram.

Parodiando Marx, poderíamos supor que é mais uma comprovação de alguma forma de existência: uma face e uma fase da vida moldando e remodelando consciências. É a trajetória de uma economia desaguando nas *estórias*, tanto lendárias como míticas que, em consequência, elaboraram da forma que foi possível fazer.

O Chamamento

É a crença de que o diamante chama o seu dono através de luz e som: o garimpeiro ouve batidas nas *piçarras*⁵ e vê a luz correr a serra. A pedra mostrando-se para ser apanhada. Possivelmente, uma crença nascida da observação de fenômenos naturais não devidamente explicados aos garimpeiros, que mantêm, assim, o seu comportamento típico de consciência ingênua.

Numa região de pedras soltas e águas em abundância, deslocamentos erosivos se fazem sentir no silêncio das serras e das noites. As escavações contínuas ajudam, algumas vezes, o fenômeno, como constatamos nos casos de deslocamentos de *emburrados*⁶. As luzes são reflexos nas pedras e nas águas, ou fogos-fátuos emanados de animais mortos; as inclinações da serra permitem a visão de tais fenômenos com mais assiduidade. Talvez seja esse o dado por suposto ou *fenômeno* que mais afiance a convicção, presente em grande número de garimpeiros, do diamante visto como ser encantado, ou seja, a magia que, deslocando-se dos rituais, ganha vida própria e se apropria do destino das pessoas, das famílias e dos grupos mais extensos.

Todo ser encantado (e esta é uma das *razões* básicas de se crer em magias), pela sua própria *natureza*, produz encantamento. Por exemplo: o ritmo o produz no poeta e no músico, em forma de inspiração, assim como nos mais variados *agentes do sagrado*, em forma de missão, vocação ou sina. Sabe-se, há muito tempo, que a magia possui os elementos dos símbolos e rituais, o que vai dizer dos meios emblemáticos e ritos alegóricos que baseiam as construções estatísticas. A magia, portanto, conhece e viabiliza a função sagrada individualmente tratada, deixando a vivência do mito para as formas coletivas de construir a vida. A magia, com o seu automatismo, e a religião, com as suas liberdades de resposta, constroem o equilíbrio das razões, entre elas, a razão estética.

A arte, o mais imprescindível dos atos humanos, é linguagem central das culturas, a forma que envolve o conteúdo, compreensão do espaço onde está contido o tempo, a formatação da existência, desde o seu nível mais elementar aos seus planos mais abrangentes.

A magia é base da arte. A arte, a manifestação da magia. Do encontro dessas duas esferas nasce a dimensão da poesia; desponta a perspectiva da pintura; brota a vida das esculturas; vicejam os cálculos matemáticos das notas musicais que se manifestam nos ritmos e fios melódicos; espetaculariza-se as artes e, especialmente, as artes cênicas.

A magia é a ciência possível das sociedades de pequena escala e dos segmentos sociais deserdados das culturas globais. A arte é a comunicação constante, a linguagem subjacente por trás de todas as outras linguagens construídas pela história milenar da espécie humana. O encontro, por conseguinte, dessas duas bases do existir, é o que torna possível a interação entre o conhecimento e a sabedoria, a superposição, entre um processo gerundial, da magia que gradativamente transforma-se em ciência e do artesanato que, aos poucos, reformata-se em arte. As portas da percepção passam dos atendimentos de primeiro para os de segundo grau. As diferenças entre a empiria e a erudição.

A arte e a arte contida na magia, em uma infinidade de ações conjugadas, atemporalizam o mito e elaboram a razão estética. Os elementos míticos e estéticos baseiam os valores, inventam as tradições, concebem as certezas de onde saem as dúvidas e vivenciam as angústias. O próprio pesquisador escolhe o seu objeto de estudo e análise porque, de alguma forma, encantou-se com ele. O literato sofre um encantamento tão grande dos seus personagens que os vê adquirir *vida própria*, com suas vontades, dúvidas e, até mesmo, caprichos.

O homem que lida com essas gemas, ao garimpá-las, apenas repete esse *mantra*, adequando a sua linguagem e ritualizando a sua interação. Assim, em uma tradução (versão) livre, pensando com Castiglioni e Santayana, poderíamos afiançar que “a mente humana é curiosa, aventureira e redundante. Esforça-se em levantar o véu do mistério, encontrar proteção e defesa, fugir das ameaças e dos perigos, além de conseguir o prazer e o bem-estar, dentro, é claro, das formas mais desejáveis para o momento” (Castiglioni, 1972: 15).

E é justamente isso o que faz o garimpeiro das Lavras Diamantinas na Bahia: levanta o véu que, no seu modo de ver, esconde o mistério que o separa da sua pedra; visto que nela encontra a proteção e a defesa de que existencialmente necessita. Protege do azar, da *cafubira*⁷, do mau olhado e, sobretudo, sente, no *bambúrrio*, uma imensa autosatisfação.

A Vida Orgânica da Pedra

É a crença de que a pedra tem vida e, por isso mesmo, pode observar os deslocamentos dos garimpeiros nas serras e se esconder de quem não for o seu dono. Não apenas tem dono, como visão e voz. Encontramos a explicação para a origem desse *animismo* na realidade geológica de uma formação aluviônica, onde, não existindo veios em abundância, mas gemas soltas nas distâncias e direções mais díspares, o acaso se faz então presente, com muito mais frequência do que numa área onde podem ser feitos cálculos relativos à produção por metro cúbico de cascalho.

Podemos afirmar, também, que parte desse imaginário é motivada pela perceptível força magnética do diamante bruto. Os garimpeiros afirmam que o diamante bruto *segura* os cabelos de quem o acha e *perde o encanto* depois que é tocado. Concluimos que se trata apenas do carbono cristalizado, que perde a emanção e o magnetismo após o contato com as mãos. Esse fenômeno ocorre, na realidade, quando o mineral entra em contato com qualquer formação orgânica viva.

Essa construção mitológica nos parece uma sobrevivência da visão mágica que as sociedades pré-capitalistas sempre hospedaram no universo dos seus imaginários e que permanecem nas fronteiras do *sensu comum*. É coerente acreditar que tudo que não é lógico, nem ilógico, é mágico: o mundo não é lógico nem ilógico, logo, o mundo é mágico.

Nessa visão mundividente, vivo não é apenas o orgânico, mas tudo o que se move. E nisso reside uma coerência frente à realidade possível de ser captada: a língua não é um ser orgânico, mas está *viva ou morta*; outras linguagens se instalam, também, no mesmo diapasão; um vulcão pode estar morto ou adormecido e, em um determinado momento, despertar. O que existe, mesmo, é linguagem.

Assim, as nuvens se movem e as ondas do mar também. Do mesmo modo, os rios e os deslocamentos erosivos, os ventos e as chuvas: mudanças que também observamos nas sociedades, nas culturas, nas ideias, nas crenças e suposições. Então, para o mineral estar vivo, é necessário que, de alguma forma, também se mova; que adquira vontade própria e determinação. Além disso, venha a criar condições necessárias para uma finalidade específica.

Enfim, que de alguma ou várias maneiras, mostre-se, apareça e se manifeste. Portanto, deixe de ser uma simples referência e ganhe *alma*, apresente animação: é o sempre usado animismo, tão necessário à compreensão da vida.

Com exceção do que está registrado nas inserções que indicam elementos de cultura não brasileiros, e que visa, apenas, demonstrar a força mítica do diamante no mundo que, de alguma forma pode, indiretamente, nos atingir, essas crenças fazem parte do *universo místico* do Jarê, desde que são os Curadores que explicam os fenômenos aceitos pelos garimpeiros, segundo seu tipo de cultura. E são esses mesmos Curadores que os garimpeiros procuram para esclarecer fenômenos dessa natureza por eles vivenciados.

O fato de ser um culto ou um conjunto de cultos sob uma mesma denominação, interagindo em condições anômalas e díspares, em economias decadentes e florescentes, sendo acionado como construção social da realidade e como mecanismo de resistência, o jarê é, sob todos os aspectos, uma força vital na Chapada Diamantina, transformando-se ao sabor das mudanças, adaptando-se às mais diversas circunstâncias e, por isso mesmo, exercendo os mais diversos papéis (Senna, 1998: 105).

Após as considerações supra, parece que restou evidenciado que as construções humanas, sejam elas estéticas ou lógicas, os seus conhecimentos científicos ou os saberes da tradição, na busca amorosa da verdade, ao serem submetidas ao crivo da sublimidade produzem a perversão e, em alguns casos, ao serem utilizadas pelo sistema capitalista, a perversidade.

NOTAS

1. **XIBIU** (Kwa/banto) (LP) –s.m. vulva, partes genitais da mulher; diamante pequeno. Var. tobiu. Ver tabaco. Kikt. Tsubilu (CASTRO, 2000, p. 353). Em Lençóis significa diamante pequeno, de baixo valor comercial e, portanto, depois de moído, transformado em pó, é utilizado na lapidação de diamantes maiores.
2. **MUSQUITO** - em Lençóis significa diamante pequeno, de baixo valor comercial e, portanto, depois de moído, transformado em pó, é utilizado na lapidação de diamantes maiores.
3. **BAMBÚRRIO** - é o ato do encontro do garimpeiro com sua pedra, a mais bela das pedras, normalmente muito valiosa. Quando isso acontece, o garimpeiro vende a pedra, distribui presentes entre as pessoas queridas, promove uma grande farra para comemorar o achado, após o cumprimento do ritual, retoma normalmente o trabalho no garimpo.
4. **PIÇARRAS** - é uma pedra mole, uma formação rochosa longa que se localiza abaixo do cascalho no qual se encontra o diamante, principalmente nos veios dos rios e córregos das lavras diamantinas.
5. **EMBURRADO** - pedras grandes e soltas incrustadas no barranco ou encontradas junto ao cascalho.
6. **CAFUBIRA** – este termo, de origem banto, difere, na faina dos garimpos, de simples azar. Exemplo: se um garimpeiro lava um cascalho que não possui diamante, está de azar; mas lava um que o possui, mas ele, assim mesmo não o acha porque a pedra se escondeu, está de *cafubira*.

Referências

- Abbagnano, Nicola (1962). *Dicionário de Filosofia*. 2ª Ed. Trad. Alfredo Bosi e Maurice Cunio, et al. São Paulo: Mestre Jou.
- Castiglione, Arturo (1972). *Encantamiento y Magia*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Castro, Yeda Pessoa de (2001). *Falares africanos na Bahia: um vocábulo Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro – RJ: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros LTDA.
- Chevalier, Jean e ALAIN Gheerbrant (1982). *Dicionário de Símbolos*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Eliade, Mircea (1973). *Lo Sagrado y lo Profano*. Trad. Gil Luiz. Madrid: Guadarrama.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Jorge, Marco Antonio Coutinho (2013). *Psiquiatra*. Diretor do Corpo Freudiano da Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/11059005/a-travessia-da-fantasia-na-neurose-e-na-perversao>. Acesso em: 29 nov. 2013.
- Maldonato, Mauro (2001). *A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Peirópolis.
- Martins, Paulo Cezar Borges e SANDRA, Célia Coelho Gomes da Silva S. de Oliveira (organizadores) (2013). *Diversidade religiosa no Brasil Contemporâneo*. Sueli Ribeiro Mota Souza, paginas 123 a 134. Goiânia: Kelps.
- Mondin, Batista (1981). *Curso de filosofia*. Trad. Banoni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas.
- Paz, Otavio. *El Arco y La Lira* (1990). México: Fondo de Cultura Económica.
- Senna, Ronaldo Salles de (1998). *Jarê – uma face do candomblé; manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: UEFS.
- Senna, Orlando Salles de (2013). *Cineasta, Jornalista e Diretor da TV Latino Americana – TAL*. Disponível em: <http://refletor.tal.tv/inovacao/orlando-senna-vicio-virtual>. Acesso em: 29 nov. 2013.

Dados do Autor

Itamar Pereira de Aguiar

Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1979); Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999); Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007) e Pós-Doutor pela UNESP-Campus de Marília-SP (2013). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem experiência na área de Filosofia, atua principalmente nos seguintes temas: filosofia, imagem, imaginário, educação, cinema e cultura de resistência.